



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOSÉ TARCÍSIO GRUNENNVALT

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-707

Entrevistado: José Tarcísio Grunennvaldt

Nascimento: 06/09/1961

Local da entrevista: CEMEFE- UFMT, Cuiabá-MT

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 20/05/2016

Transcrição: Marina Albugeri da Silva

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 1 minuto e 28 segundos

Páginas Digitadas: 20 páginas

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Tema de Pesquisa do Mestrado; Educação Física na Escola; Pesquisa Histórica na Educação Física; Aproximação com a História; Pesquisa histórica na Educação Física na época do mestrado; Grupo de Pesquisa Histórica da Educação Física; Pesquisa Histórica na Educação Física na Universidade Federal do Mato Grosso; Laboratório de Estudos e Pesquisas de Esporte Cultura e Movimento; Pesquisa Histórica na Educação Física na Universidade Federal de Sergipe; Palavras Finais.

Cuiabá, 20 de maio de 2016. Entrevista com José Tarcísio Grunennvaldt a cargo da pesquisadora Christiane Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, primeiro muitíssimo obrigado por me receber. Eu queria que você começasse falando da sua formação.

J.G. – Eu sou formado em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. Me conhecem mais por Tarcísio do que José. Meu período de Educação Física foi em 1982 a 1985. E eu já comecei a trabalhar em escolas no Rio Grande do Sul, escola particular, escola de freiras, já no segundo ano de faculdade, segundo e terceiro ano de faculdade. Eu fiz um semestre a mais por conta que eu tinha ficado em uma disciplina. Minha formação era uma formação extremamente técnica e nós não éramos incentivados ou estimulados a fazer pesquisa, por conta de que nas universidades particulares isso era mais difícil. Mais alguma coisa... Depois eu me migrei em 1986, mudei para o estado de Mato Grosso, fiquei em Juína de 1986 a 1990, fui diretor de escola, trabalhava com a Educação Física. 1990 eu mudei para cá¹, ou seja, uma cidade aqui do Mato Grosso também e aí eu comecei a trabalhar efetivo no estado, e com Agrotécnica Federal de Cárceres² como substituto. 1992, eu fiz concurso na Universidade Federal de Sergipe, eu passei, em 1993 já me mudei, aí a Ana³ foi comigo, minha esposa, nós mudamos para Sergipe. Fiquei na Federal de Sergipe de 1993 a 2008. Primeira turma do mestrado em Educação da Federal de Sergipe foi a turma que eu entrei, daí fiz lá minha formação de mestrado e, também, neste mesmo ano eu entrei no vestibular para Filosofia, mas daí não deu para conciliar. Depois voltei para a Filosofia de novo, depois do doutorado e, também, não conciliei, não deu para conciliar. E depois em 2001 a 2005, fiz o doutorado na PUC⁴ de São Paulo, mas aí o meu objeto de estudo não era especificamente a Educação Física, mas daqui a pouco, de repente, falamos sobre meu estudo de mestrado que é uma pesquisa histórica.

C.M. – Exatamente, qual foi a temática o mestrado?

¹ Referência à cidade de Cáceres (MT), aproximadamente 220 km da capital, Cuiabá.

² Escola Agrotécnica Federal de Cárceres.

³ Ana Carrilho Romero Grunennvaldt.

⁴ Pontifícia Universidade Católica.

J.G. – No mestrado eu estudei a Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, porque em 1939 foi criada a Faculdade Nacional de Filosofia, que em São Paulo chamava Filosofia, Ciências e Letras; na Universidade do Brasil ela se chamava Faculdade Nacional de Filosofia. E todas as licenciaturas eram atreladas ou submetidas a Faculdade Nacional de Filosofia e a Educação Física com quinze dias após a criação do decreto da Filosofia criou-se o decreto 1.212⁵, criando a Escola Nacional de Educação Física e Desporto. Fomos movidos por essa curiosidade, eu e a Celi⁶, minha orientadora que na época era da Universidade de Pernambuco, fomos verificar como esse projeto da Escola Nacional de Educação Física, no seu nascedouro ele foi pensado e ele se constitui como um projeto de uma Educação Física para uma época de Brasil, que talvez as raízes mais profundas nós ainda não tenhamos conseguido suplantar-la, tanto é que a Educação Física é entendida na escola como linguagem... Desde a época que eu era menino, se eu voltar para o meu boletim, no artigo sete, a Educação Física estava como comunicação e expressão, na letra, mas as representações das pessoas, dos professores ou dos outros professores, também, acerca da Educação Física eram como se nós fossemos diretamente mais filho da biologia do que da cultura e essa ideia de nós estarmos junto com a cultura, com a área de linguagem, no âmbito escolar, é emblemático, mas de fato nós somos ainda... O Fensterseifer⁷ faz essa discussão de modo mais brilhante, nós temos que criar, fazer acontecer o lugar da Educação Física na escola. Bacana aquela provocação dele naquele texto da Motrivivência⁸ de 2007, parafraseando o Paul Sartre⁹ “sabemos o que fizeram de nós, mas saberemos fazer de nós agora o que nos fizeram”, e aí falta boa vontade, tempo, porque o professor de Educação Física está em quatro, cinco lugares ao mesmo tempo; e aí isso... Fazer a Educação Física acontecer na escola como um componente, com sistematização, desde quatro anos com atividade específica na infantil, cinco anos com atividade um pouco mais sofisticada, devido a complexidade, as crianças teriam um ano a mais. Isso não é coisa para chegar na escola correndo, como o professor de Educação Física comumente aparece na escola, de passagem; tem que estar na escola, eu acho que nós temos que fazer de fato uma revolução copernicana, como diz o Bernard Charlot. Não só do corpo-objeto para corpo-sujeito ou do ensinar para o aprender, que o

⁵ Decreto-lei nº 1.212 de 17 de abril de 1939.

⁶ Celi Nelza Zulke Taffarel.

⁷ Paulo Evaldo Fensterseifer.

⁸ Revista Motrivivência.

⁹ Jean-Paul Sartre.

aluno é o centro, as duas revoluções. O professor de Educação Física precisa viver a escola, aí talvez nós vamos ter legitimidade, se não nós ficamos no discurso legitimador, mas de fato... É muito difícil se legitimar dentro dessa ambiência que ainda existe de uma representação que nós somos quase que tudo, penso que é assim. Aí voltando para o meu estudo de mestrado, eu fiz então na Educação na Federal de Sergipe, com o projeto “Escola Nacional de Educação Física e Desportos, o projeto de uma época”. Victor Melo¹⁰ ficou de 1939 a 1968, quando a Universidade do Brasil passa para a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Escola de Educação Física cria um outro estatuto também, e ele pega esse período todo. Eu só fiquei nos seis anos iniciais, de 1939 a 1945, eu tentei olhar para a escola enquanto os militares eram os diretores da faculdade, não sei porque eu fiz isso... E aí eu acabei começando a verificar coisas, comecei a verificar que haviam militares que iriam estudar, militares mesmo, não professor de Educação Física; iam estudar na Alemanha em 1911 e quando voltaram eram taxados pejorativamente como jovens turcos e, aquilo me instigou. Depois quando fui para o meu doutorado em São Paulo acabei estudando a formação dos oficiais do exército no Brasil, num projeto de História da Educação e olhando esses militares que eles eram formados para além do uso de armas, exercerem funções intelectuais na sociedade, a partir de um conceito de intelectual de Antonio Gramsci. Gramsci já era o meu autor, eu era apaixonado pelo Gramsci e o Gramsci já tinha morrido. Aí eu estudei também no mestrado o conceito de hegemonia e no doutorado de intelectuais. Mas no mestrado, falando um pouco da pesquisa histórica que eu não sabia fazer, a gente se meteu a fazer, a gente forçava muito a barra por conta de não saber como seria esse novo da pesquisa histórica, destacar mais o sujeito, ouvir mais o sujeito, e daí você acaba fazendo uma coisa... E acabei fazendo algo que eu achava que estava fazendo uma pesquisa a partir de um referencial do materialismo-histórico dialético, mas depois que eu estudei um pouco mais no doutorado a gente percebeu que na verdade a gente forçava muito a barra e, eu era muito menino talvez, até aí, não que eu era menino de juventude, mas de iniciante de pesquisa por conta da faculdade que eu me formei não ter me estimulado para fazer pesquisa. E aí tu percebe que diversas questões, assim, que teriam que ser retomadas do próprio estudo de mestrado e publicar isso de novo, mas reescrever isso. Em vez de hegemonia, trabalhar agora com o meu estudo de mestrado a partir de um conceito de Gramsci também de revolução passiva, mas quem trabalha com esse conceito no Brasil, atualmente, com mais competência é o Luiz Werneck Vianna, um

¹⁰ Victor Andrade de Melo.

cientista político da IUPERJ¹¹ no Rio de Janeiro. Mas, o Brasil talvez seja o terreno emblemático da revolução passiva e, nós estamos vivendo isso hoje no Congresso com a derrubada da Dilma¹² e como estão pensando para conseguir dizer que o Cunha¹³ é um safado e, nesse sentido é muito complicado. E daí sim, eu acho que fazer essa discussão também se civis e militares estavam... Amarílio¹⁴ trabalha com esse projeto de que é um projeto civil e militar da Educação Física brasileira, alguns dizem que a gente pegou muito pesado, quando dizia que era um projeto mais eminentemente militar, mas em certo sentido são os militares que vão para a Universidade do Brasil e por que não foram os civis que de saída puderam dar o chute inicial, se nós tínhamos intelectualidade civil que podia trabalhar isso, como o exemplo de Fernando de Azevedo que tinha escrito coisas interessantes acerca da Educação Física. E nesse aspecto talvez a própria Miriam Warde¹⁵ como minha orientadora do doutorado tinha me provocado, ela disse “Tarcísio isso é a revolução passiva”. Então hoje, logicamente que eu não sou mais o mesmo, que eu era, uma ou outra leitura talvez, eu faria diferente. E nesse sentido que a pesquisa histórica ela nos instiga para fazer perguntas, perguntas contemporâneas acerca do passado e talvez os referenciais mais novos, as novas leituras que a gente fez por não ser mais o mesmo fariam com que você realizasse outras leituras e não aquelas que você realizou naquele momento. O exemplo mais interessante neste sentido que nós temos trabalhado lá em São Paulo com as leituras no doutorado, me foge o nome agora, um desses autores da nova esquerda inglesa, não é o Hobsbawm¹⁶, nem o E. P. Thompson¹⁷, Peter Burke não, Peter Burke é mais recente, ele é mais antigo. Ele que escreveu sobre *A Revolução Inglesa de 1640*. Eu já quis falar esse nome antes de ontem e eu não me lembrei, depois qualquer coisa eu te falo, quando vier na minha memória. É o Christopher Hall. Ele fez um estudo sobre a Revolução Inglesa de 1642, o Cromwell¹⁸ invadiu o parlamento, mataram o rei Carlos I¹⁹; isso o Elias²⁰ trabalha bem no livro *o Processo Civilizador e na Busca da Excitação*. Ele fez a pesquisa, logicamente ele escreveu esse texto por volta da década de 1960, 1970, se

¹¹ Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.

¹² Dilma Vana Rousseff.

¹³ Eduardo Consentino da Cunha.

¹⁴ Amarílio Ferreira Neto

¹⁵ Mirian Jorge Warde.

¹⁶ Eric John Ernest Hobsbawm.

¹⁷ Edward Palmer Thompson.

¹⁸ Oliver Cromwell.

¹⁹ Rei da Inglaterra, Escócia e Irlanda entre 1625 a 1649.

²⁰ Norbert Elias.

eu não me engano, e daí em 1982 parece que ele reescreveu a obra. Mas a primeira versão que ele fez foi para dizer que aquilo não foi revolução, por conta de que a grade de leitura de revolução era revolução ou a de esquerda de 1789, a da França, ou a revolução de 1917; e obviamente, se tu olhar aquele modelo de revolução e dizer “*isso foi revolução*”, aí tudo que vem anteriormente a isso não foi revolução. E daí depois ele fez... Ele reescreveu o texto, vinte e poucos anos depois, com um redimensionamento, novas leituras, ele escreveu um outro texto dizendo que aquilo foi a revolução possível, que aqueles sujeitos conseguiram fazer, nesse sentido. Acho que a gente tem que ser um tanto quanto cuidadoso na pesquisa histórica e, geralmente, o pessoal que estuda... As vezes quem olha para nós que fizemos pesquisa histórica, olha como se os nossos estudos fossem de menor, de menos valia, e talvez a maior dificuldade e os estudos mais difíceis sejam os estudos históricos. Eu orientei²¹ um menino aqui, era um policial, sobre a história do Dom Bosco²², é um clube de futebol aqui, *nossa*, ele é super antigo. Ele fez uma pesquisa histórica do arquivo, e o arquivo público de Mato Grosso é muito bem cuidado, é um arquivo... *Nossa*, muito bacana, bonito, bem arrumado. Numa sexta à tarde eu fui lá ver se o rapaz estava trabalhando, e aí eu vi o “policinha” lá sentado, Ederson²³ chamava ele. “Trabalhando feito um doido” eu digo, isso que é pesquisa, mas essa pesquisa os caras parecem que não valorizam e nós mesmos muitas vezes nos desestimulamos com a pesquisa histórica por conta dessa dificuldade que nós estivemos conversando aqui no preâmbulo, como é difícil a nossa publicação em pesquisa histórica nesses periódicos da Educação Física, principalmente as revistas da Área 21²⁴. Eu tive agora uma publicação na revista *Em Aberto*, que é uma revista até do INEP²⁵, bastante conceituada na área de Ciências Humanas, como trabalho do meu pós-doutoramento com o Kunz²⁶, “Educação Física Escolar e Megaeventos Esportivos: quais suas implicações?”²⁷. Chamamos grandes nomes da Educação Física brasileira, exemplo de Portugal do Camilo Cunha²⁸, o Valter²⁹, o

²¹ Trabalho “Clube esportivo Dom Bosco: uma história do futebol”, de Ederson Brandão Duarte, 2013.

²² Clube Esportivo Dom Bosco.

²³ Ederson Brandão Duarte.

²⁴ Área da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que engloba Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional.

²⁵ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

²⁶ Elenor Kunz.

²⁷ Revista *Em Aberto*, V.26, n. 89, 2013.

²⁸ Antônio Camilo Cunha.

²⁹ Valter Bracht.

Quintão³⁰, o Hamilcar³¹, o da Paraíba... o Ricardo Lucena³², o Paulo Carlan de Ijuí, um lá da Amazonas³³

[INTERUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]³⁴

J.G. – Voltando para a pesquisa histórica. Então, a pesquisa histórica tem esses impasses e quando eu fiz o estudo de mestrado, voltando para aquela discussão, agente foi..., obviamente, era Celi no nordeste, ela dizia que nós precisamos de mestres, de quadros no nordeste; porque eu ia ser orientado pelo Tavares³⁵, já falecido, professor de filosofia, ex-padre, da Federal de Sergipe. Ele disse, “Tarcísio, vai buscar alguém da sua área quem te ajuda mais do que eu”. Eu fui para Recife, era um encontro, o João Batista Freire estava em Recife dando um curso lá, encontrei a Celi, ela foi prestigiar o João no curso, daí eu pedi “Celi, podemos conversar”, ela disse “lógico Tarcísio”. Daí conheci essa figura maravilhosa. Celi nunca deixou para trás alguém que precisava dela, então, nesse sentido ela é uma figura sensacional; independentemente de nossas posições hoje divergirem, mas acho que isso é o que faz a academia ser a academia, que contemple, que comporte diversidade, que conviva com a diversidade, acho que é fundamental. Mas aí voltando para o mestrado acho que a gente tentou fazer a pesquisa histórica, mas a gente fez com aquilo... Como diz o Boaventura de Sousa Santos, isso é uma reflexão acho que o Boaventura faz a partir da aproximação com a fenomenologia, faz com aquilo que você tem na mão. E essa é uma passagem muito interessante, acho que para nós fazermos pesquisas históricas, educacionais... Eu estou querendo estudar agora, estou com um projeto de estudar as instituições educativas, educativas e não instituições escolares, a partir do português Justino Magalhães, tem um livro fantástico dele, ele amplia a ideia de que a instituição não tem que ser só escolar, a instituição pode ser educativa sem ser especificamente escolar. E olhar para essas instituições que vieram para Mato Grosso, por exemplo, para Porto dos Gaúchos aqui no Mato Grosso, um alemãozinho saiu de Santa Rosa³⁶, em 1953, e se mudou lá para o fundão. Isso é instituir, de certo modo, por mais que uns pensem que é

³⁰ Felipe Quintão de Almeida.

³¹ Hamilcar Silveira Dantas Junior.

³² Ricardo de Figueiredo Lucena.

³³ Gláucio Campos Gomes de Matos.

³⁴ Alguém entra na sala e fala com o professor.

³⁵ Antonio Tavares de Jesus.

³⁶ Cidade do Rio Grande do Sul.

descivilizador, mas aquilo foi civilizador naquela época; por que um homem vai se meter tão distante... E olhar para isso e daí olhar para esses homens, o que eles faziam era aquilo que era possível, eu acho que faziam com aquilo que tinham a mão, eu acho que isso é razoável. E daí nós não fazemos pesquisas históricas de talvez não julgar o passado e sim compreender o passado; o Marc Bloch³⁷ é o homem mais emblemático nesse sentido. Tão bacana essa leitura de que cabe a história não julgar o passado, mas compreender porque que se deu daquela forma e não de outra, porque aí sim você leva em conta as circunstâncias e as determinações que concorreram para que aquilo fosse possível ou não fosse possível.

C.M. – Professor, como você se aproximou da história, das metodologias, dos aportes teóricos?

J.G. – Metodologias. Aí, sim, eu acho que já na época, eu acho que nós tínhamos limitações na própria Universidade Federal de Sergipe, de realizar pesquisa histórica, por conta de que naquele programa de educação não tínhamos... Sabe, assim, historiadores bastante qualificados, mas nós tínhamos um professor que tinha vindo recentemente do programa de pós-graduação da PUC³⁸ de São Paulo, era o Jorge Carvalho³⁹, e ele também, na época, era orientando da Mirian Warde, que depois também foi minha orientadora no doutorado. E a Mirian é uma figura bastante interessante, aquele texto que ela escreveu em 1984, 1984 se não me engano, do Em Aberto, e aí que eu conheci esses periódicos. E depois eu fui publicar, fui autor da edição de 1989, nº26... E de 2013, dos mega eventos esportivos. Ela dizia que a história, os estudos históricos da educação que eles pecavam inclusive no recorte temporal, quando nós reproduzíamos o recorte temporal da história política, por exemplo, de Brasil Colônia, Brasil Império, Brasil Primeira República, República tal, depois República Nova e assim continua. E a gente não fazia o recorte próprio, específico do teu objeto, da tua investigação, vamos chamar assim. E isso, de certo modo, nós sofremos para nos apropriar do referencial e nem sei se eu consegui de fato me apropriar do referencial. Eu teria que voltar para esse estudo da pesquisa histórica de 1997, (1994-1997), e retomar, daí verificar as mazelas e os pontos mais razoáveis, e sentar talvez com figuras que tenham estudado, talvez, até mais do que eu, e eu mesmo e, verificar isso,

³⁷ Marc Léopold Benjamim Bloch.

³⁸ Pontifícia Universidade Católica.

como eu produzi isso, dentro desse terreno, mais de limitações do que de um aparato teórico-metodológico ou de ter domínio pleno de uma de uma aparato teórico-metodológico. Então, assim, a gente foi sempre meio que um iniciante e, também, depois do doutorado a minha pesquisa histórico-educacional, e aí o objeto não foi da Educação Física, também foi nesse sentido de muita solidão, de muita... Por conta de não ter tido, de certo modo... E os próprios programas da pós-graduação no Brasil eles já renunciaram a ideia de ter uma disciplina só para trabalhar pesquisa, como fazer pesquisa e tal. Eu lembro que no doutorado dois textos que me ajudaram muito e, que eu dizia “o dia que eu crescer, eu quero fazer uma pesquisa desta envergadura”, era o Ilmar Rohloff de Mattos, Tempo Saquarema, onde ele pega um recorte do ato adicional, se não me engano, em 1834-1868, e verifica como o partido conservador Saquaremas deram a direção da política brasileira. Daí ele pega justamente... Ele faz essa análise a partir de um conceito de direção de Antônio Gramsci⁴⁰, eu dizia “o dia que eu crescer, eu quero ser assim”. E um outro texto muito interessante também, se eu não me engano, é esse mesmo recorte temporal, Aprendizagem do Poder do Sergio Adorno, aí já não era uma pesquisa histórica, essa é uma pesquisa sócio-política, uma coisa nesse sentido. O Adorno é sociólogo. Sergio Adorno aqui da USP⁴¹, hoje parece que estuda a violência. Ele vai pegar esse período para dizer como os advogados da Escola de São Francisco se formavam e o que eles aprendiam no âmbito da rua, fora daquilo que eles chamam de jurisprudência, os bancos da academia escolares, talvez, a tribuna, os jornais... instigava eles para formação mais do que os próprios bancos universitários. Então, são textos assim que eu dizia... Eu lia várias vezes isso, então, a gente aprendia isso lendo outras pessoas, outros textos. E esse texto da Mirian mesmo, “As Contribuições da História para a Educação”, no outro Em Aberto saiu “As Contribuições da Psicologia para a Educação”, no outro “As Contribuições da Filosofia para a Educação”; e a gente ia lendo esses textos e aí, de certo modo, como diz lá, o Amarílio uma vez escreveu: “o pássaro que não voa ou que não assovia, ele aprende a voar com quem já voa e, assoviar com quem já assovia”. Então, essa imitação e, toda essa imitação, eu acho que a imitação ela não é, na verdade, totalmente não inventiva, mesmo que você imita, você usa modelo e esse modelo quando tu vai levar ele para outro lugar ele vira um constructo, quando ele é confrontado com uma nova realidade, com novos sujeitos; se não esses sujeitos não seria sujeitos, seriam autômatos ou seriam pedras, talvez alguma coisa

³⁹ Jorge Carvalho do Nascimento.

⁴⁰ Antonio Francesco Gramsci.

nesse sentido. Nesse aspecto, que a gente vai lendo, vai escrevendo e, vez por outra, eu oriento aqui ainda pesquisas históricas. Eu não tenho feito uma pesquisa histórica no sentido mais puro, porque eu consegui levar já a defesa cinco mestrados aqui. A primeira foi uma pesquisa do âmbito da escola, uma escola do campo. A segunda foi com idosos, idosos por eles mesmos, fizemos uma provocação de como o idoso não precisaria ser lido tão somente pela ciência, como já todas as verdades estivessem descobertas e aí obviamente nós temos nos provocado com teóricos da envergadura de Norbert Elias, para dizer que talvez os coroas, os velhos moribundos, nessa solidão dos moribundos precisam mais de cuidados do que de aparato científico, de atenção algo nesse sentido, então, isso que foi a pesquisa da Carla⁴². A terceira pesquisa foi uma pesquisa do Liceu cuiabano, onde nós tentamos investigar ou verificar em que medida a Educação Física no Liceu cuiabano, a escola mais tradicional pública de ensino médio hoje do Mato Grosso, que medida a Educação Física sofreu as consequências da crise do campo acadêmico da Educação Física e nós no final da pesquisa tivemos que mudar a nossa hipótese e dizer da não crise da Escola Liceu cuiabano, porque os professores... A crise do campo acadêmico não chegou no campo disciplinar, que é a Educação Física que ocorre junto com as outras disciplinas na escola, não ocorre junto porque eles ainda ministram a Educação Física no contra-turno, isso é um dos dificultadores, na minha leitura, para ele se configurar como disciplina. O Geander⁴³ fez uma pesquisa sobre a prática pedagógica e o que dizem os alunos do ensino médio em uma escola que é de Várzea Grande⁴⁴, mas também um trabalho interessante, trabalhando com juventude. Mas isso não se configura como uma pesquisa puramente histórica e, nem a do Afonso⁴⁵. E o Afonso foi uma provocação minha com o Afonso, “vamos tentar fazer um híbrido de história, sociologia...”, Porque ele tinha formação de sociologia, uma pesquisa híbrida: educacional, história e sociologia e, aí deu no que deu, a gente não sabe onde dá isso, mas conseguimos levar a cabo a pesquisa dele. E a última pesquisa foi essa do Helenir⁴⁶, que é uma pesquisa que tentou se apropriar do conceito de “se movimentar”, do Kunz, e aí nós fizemos a imitação, não a imitação da forma, mas a imitação da intenção, na escolinha de futebol, ele fez vinte e cinco sessões de aula, cinco iniciais, depois vinte e cinco sempre trazendo um tema instigador, se eu não me

⁴¹ Universidade São Paulo.

⁴² Carla Isabela Bonzanini.

⁴³ Geander Franco de Araújo.

⁴⁴ Cidade do Mato Grosso.

⁴⁵ Afonso Henrique Rodrigues Alves.

engano, a partir da teoria do “se movimentar” e, foi um trabalho bastante interessante e bastante ousado. Acho que o Helenir é uma figura aqui, é um técnico aqui, da escolinha da UFMT⁴⁷, e ele se propôs a fazer esse trabalho, senti a dor, a solidão, que é fazer pesquisa nessas perspectivas mais recentes, como o Kunz trabalha e, saiu um estudo bastante interessante. Então, agora, especificamente de pesquisa histórica aqui eu não tenho... As pessoas não tem procurado a gente para fazer pesquisa histórica, mas eu tenho participado de bancas de pesquisas histórico-educacionais, como do Claudemir⁴⁸ lá de Sinop⁴⁹ da Escola Nilza de Oliveira Pepino, participei da banca. O Rogério⁵⁰, que foi mestrando orientado pelo Evando⁵¹, eu participei da banca. E aí eu sempre dou bastante palpite por conta de que eu sou um curioso, eu li muitos autores, que esses meninos mais jovens não leram. E a pesquisa que foi a pesquisa mais emblemática que nós fizemos, da FEF-UFMT, no sentido de uma pesquisa histórica, foi a pesquisa da Talita⁵², até por conta do estado de qualificação que a Talita se encontra, da facilidade que ela tem de leitura e de uma outra formação já no âmbito das Letras, uma formação da Unicamp⁵³, então, a Talita assim é um figura que todos nós gostaríamos de orientá-la, porque daí fica mais fácil.

C.M. – Professor, na época do mestrado, como estava a pesquisa histórica na Educação Física?

J.G. – Nós tínhamos aqueles manuais, livros, onde nós publicávamos, o Pesquisa Histórica⁵⁴, que eram publicados, na verdade, no Espírito Santo. O Amarílio, na época, conseguiu fazer essas publicações. Então, a gente lia o que as outras pessoas escreviam e, esses estudos nos ajudavam. Mas, grosso modo, eu penso que grandes nomes eram “História e Verdade” do Adam Schaff, e se eu não me engano “O que é história?” do Edward Carl⁵⁵, que é aquele famoso exemplo: temos a mesa com o peixe, com os temperos etc. e cabe ao historiador; com a visão de mundo que o historiador tem, fazer desse mesmo

⁴⁶ Helenir Resende Rorigues.

⁴⁷ Universidade Federal do Mato Grosso.

⁴⁸ Claudemir Gomes da Cruz.

⁴⁹ Cidade do Mato Grosso.

⁵⁰ Rogério Marques Almeida.

⁵¹ Evando Carlos Moreira.

⁵² Talita Ferreira.

⁵³ Universidade Estadual de Campinas.

⁵⁴ Pesquisa Histórica da Educação Física.

⁵⁵ Edward Hallett Carr.

peixe, desse mesmo tempero, um peixe A, um peixe B, um peixe C, cabendo valorizar nesse sentido o referencial teórico. Nesse sentido parece que a mensagem dele era que as fontes por si não falam, quem faz falar as fontes são as perguntas que o pesquisador faz às fontes. De certo modo, eu acho que, eu penso que esses referenciais foram bastante significativos. Se eu não me engano aquele livro do Le Goff⁵⁶, uma coletânea de 1978, “História, novas abordagens, novos problemas e novos objetos”. Onde o Marc Ferro tem um texto nessa coletânea sobre o cinema. E aquilo me ajudou bastante, inclusive eu sabia na Universidade Federal de Sergipe onde estavam esses livros de tanto que eu utilizava. Tanto é que o bibliotecário, fez o mestrado e doutorado, e ele me escolheu para um dos sujeitos, na Universidade Federal de Sergipe, porque eu seria um dos caras que mais usava a biblioteca na época. E eu lembro que na época para conseguir a tese do Mário Cantarino Filho⁵⁷, sobre a Educação Física no Estado Novo, nós pedimos ela pelo COMUT⁵⁸, com quinze dias ela veio, eu paguei o valor. A gente pedia alguns materiais nesse sentido. Aí a tese da Silvana Goellner eu consegui com a Celi, a tese da Celi eu conseguia com a Celi, porque a Celi tinha esse trânsito de estar em todas as bancas quase, daí eu tinha acesso fácil. Muita coisa sumiu já, porque a gente empresta, depois não devolvem e tal. Mas grosso modo, eu acho que foi... E tem um livro, que eu estava esquecendo, chama *História e historiadores* de uma historiadora, Angela de Castro Gomes, da Fundação do Rio de Janeiro, como que chama... Carlos Chagas não, no Rio é...

C.M. – Getúlio Vargas.

J.G – Getúlio Vargas.

C.M. – É do CPDOC?

J.G. – É. Ela fez uma pesquisa, História e historiadores, aquilo me ajudou muito para entender toda uma articulação, ela faz uma leitura de como o Getúlio foi ardiloso, inteligente, para uns sensatos, para uns esquiva, de articular todo aquele passado que antes nós negávamos e dizer “Não, isso é o Brasil, nós temos que fazer o Brasil com aquilo que nós temos” acho que isso foi bastante interessante. Vê se eu lembro outros autores que eu

⁵⁶ Jacques Le Goff.

⁵⁷ Mário Ribeiro Cantarino Filho.

usei... Mas, grosso modo, seriam isso textos que me ajudaram. O texto do Victor Melo, eu conheci o Vitor Melo num evento em Santos⁵⁹, no Esporte para Todos, depois eu vi ele, se não me, engano na Biblioteca Nacional nas escadas, no Rio de Janeiro. E, naquela época, nos tornamos até amigos e aí trocava figurinhas. Ele era bem precoce... Começamos juntos, mas ele terminou mais cedo que eu. E ele foi, de certo modo, uma referência para o meu estudo, para o estudo do Américo⁶⁰, o estudo do havia um menino lá em São Paulo, que estudava Fernando de Azevedo, Pedro Pagni⁶¹, havia pesquisa histórica... O Vitor Marinho fazia alguma coisa de pesquisa histórica, mas talvez também a gente teria que visitar isso, esses escritos dele. Amarílio estava escrevendo alguma coisa. E depois vem o pessoal de São Paulo que dizia que os estudos não eram estudos históricos, aí tinha o Kazumi⁶² que orientou o Taborda de Oliveira⁶³ do Paraná, que fez um estudo sobre aquela revista de Educação Física dos militares, ele foi pegar justamente o conceito de experiência do E. P. Thompson, para dizer que na verdade havia uma experiência de professores da rede municipal de Curitiba, e que eles faziam sem ser necessariamente dependentes da centralização que nós acusávamos que tudo era centralizado. Essa revista, em 1973, publicou um artigo chamado Desporto Educação e esse artigo foi o artigo de abertura da Conferência Científica de Abertura da Olimpíada⁶⁴ de Munique⁶⁵ de 1972, e a revista publicou isso em 1973, uma revista de militares do Brasil. Se tu pegar esse texto você vai verificar... Eu me deparei nesse texto, talvez tenha sido... Se foi um pronunciamento em 1972, foi a primeira vez onde eu vi o conceito de cultura corporal, em 1972, ele falava que como povos que tem uma riqueza, como esses povos aborígenes, da América Latina, ou mesmo nós, Alemãs no interior do Rio Grande do Sul, e depois nós vamos somente reproduzir os valores e as práticas esportivas dos helênicos ou os anglo-saxônicos, então, isso é uma crítica que ele faz, já em 1972, naquela Conferência de Abertura. Mas eu acho que são textos que a gente depois tem lido, e logicamente se a gente voltasse hoje a fazer pesquisa histórica a gente teria que se redimensionar, conversar com historiadores que estão dentro dessa ciranda, dessa rota, para tentar se atualizar com referenciais. Mas eu me lembro que na PUC de São Paulo, quando se falava em novos olhares e aí você fazia

⁵⁸ Programa de Comutação Bibliográfica.

⁵⁹ Cidade de São Paulo.

⁶⁰ José Américo Santos Menezes.

⁶¹ Pedro Angelo Pagni.

⁶² Kazumi Munakata.

⁶³ Marcus Aurélio Taborda de Oliveira.

⁶⁴ Jogos Olímpicos.

trabalhos a partir do Carlo Ginzburg, do Queijos e os Vermes, você trabalhava com paradigma indiciário. Eu me provocava e provocava os meus colegas, “quero ver nós conseguirmos fazer e nos apropriar desse referencial e colocar em nossas pesquisas, articular o indiciário”. Eu dizia “Vamos fazer isso, mas nós temos que nos preparar para fazer isso”. Então, muitas vezes, a gente aligeradamente procura se apropriar desses referenciais, mas a gente tem que dominar esses referenciais para orientar nossos orientados. Nesse sentido isso é, de certo modo, um perigo. Não que as pesquisas não tenham que ter inovação, mas temos que ter bastante cuidado no sentido de fazermos a pesquisa histórica talvez. Não sei se consegui te responder.

C.M. – Sim. Professor, essas pessoas que você citou. Vocês se encontravam em eventos, tinha uma...?

J.G. – Lá na Federal de Sergipe, nós tínhamos, por exemplo, o Américo e o Hamilcar, nós três gostávamos muito de pesquisa histórica, tal, então, nesse aspecto sim. E a professora Marta Cruz⁶⁶... Eu participei de um grupo de pesquisa na Federal de Sergipe que era uma sucursal do HISTEDBR⁶⁷ do Saviani⁶⁸ na Federal de Sergipe, a Marta que era a nossa pesquisadora lá. Então lá nós tínhamos contato, convivência e, com o Américo e com o Hamilcar, nós conversamos muito. E fora disso, eu ia em alguns eventos. Depois eu comecei a participar do evento do Processo Civilizador, daí eu meio que vou mais para o âmbito da... Não sei se isso é pesquisa sociológica, o que a gente fazia, mas ia nesses eventos. E pesquisa histórica... Depois eu fui lá, tem alguns eventos da ANPUH⁶⁹, cheguei a participar com trabalhos, mas aí já não era mais especificamente, acho, trabalhos de Educação Física, porque já era quando eu estava envolvido com o doutorado.

C.M. – E como que você viu os grupos especificamente sobre história, você acompanhou algum da Educação Física?

⁶⁵ Cidade da Alemanha.

⁶⁶ Marta Vieira Cruz.

⁶⁷ Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil.

⁶⁸ Demerval Saviani.

⁶⁹ Associação Nacional de História.

J.G. – Aí eu acho que eu não cheguei a vivenciar. Quando eu saio da Federal de Sergipe, em 2008, eu voltei para Sergipe do doutorado em 2006, e aí já eu acho que nós tínhamos uma certa unidade do grupo que nós tentamos constituir lá e, essa unidade, na minha leitura, já estava um tanto que desmantelada. E em 2007, se não me engano, o Jurinha teve um acidente de moto, ele faleceu, um professor que nós tínhamos, Luiz Roberto Aragão Lobão. Jurinha era uma figura, assim, difícil e ao mesmo tempo sedutor, e ele conciliava, inclusive, em torno dele interesses antagônicos. E quando ele faleceu acho que nós, de certo modo, nós perdemos uma certa unidade, que eu achava que era possível ter num grupo, mas nós tínhamos que superar pequenas vaidades, pequenas diferenças, e acho que nós não conseguimos ser sensatos ou razoáveis suficientemente para trabalhar essa ideia de tolerância, de que o outro é necessário. Aquilo que o Paul Ricoeur trabalha no “Conflito das Interpretações”, ele trabalha com grandes autores, com Freud⁷⁰, com Hegel⁷¹ e com... A sociologia estrutural, com Levi Strauss⁷². Ele dizia “tem que trabalhar com ele e contra ele, tem que ser uma relação dialética, se não isso caiu no relativismo ou no maniqueísmo”. E a gente nem sempre está preparado suficientemente, porque essas empreitadas que a gente se toca na vida, como dizia o Euclides da Cunha⁷³ quando foi para Canudos⁷⁴, antes de ir para Canudos ele tinha uma visão de Canudos e dos rebeldes de Canudos, e quando ele esteve lá ele diz: “Não, aqui a coisa é diferente, no calor da hora também não dá para descrever, por que a coisa é muito quente aqui”. Então essas coisas... A política ela tem que dar respostas na hora, e esse confronto no dia a dia com os teus pares e com os teus adversários e as respostas tem que ser no aqui e no agora, e essas respostas nem sempre são as respostas mais sensatas, por conta de que você não tem um tempo de uma leitura mais equilibrada, de um juízo de diferentes leituras, você tem que tomar decisão, e a gente toma decisões às vezes e se machuca, e muitas vezes a gente não toma a decisão mais equilibrada. E aí, eu acho, que nós pecamos desse sentido, nós não conseguimos... Enquanto eu estive em Sergipe, criar esse grupo de pesquisa histórica, mas hoje eu acho que eles conseguiram já e isso é muito interessante, e outras coisas... E os outros grupos, de certo modo, eu não tenho acompanhado. Quando eu vim para Mato Grosso, eu vim para Sinop, logo no primeiro ano a gente veio para criar um curso lá, depois o curso não

⁷⁰ Sigismund Schlomo Freud, conhecido como Sigmund Freud.

⁷¹ Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

⁷² Claude Levi-Strauss.

⁷³ Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha.

⁷⁴ Cidade da Bahia.

aconteceu, depois que nós tivemos já meio ano trabalhando com a ideia de criar um curso de licenciatura, chegou um menino mais novo criou um curso... Mandou para o bacharelado e o nosso não foi mandado, eu disse “Eu não fico mais aqui” e vim para Cuiabá e estou trabalhando aqui agora na pós-graduação, agora para a educação também. E aí se eu consegui, de certo modo, retomar algum estudo histórico e tal, de repente se eu me sentir com condições razoáveis eu retomo. Essa pesquisa aqui de Cuiabá, do Dom Bosco, acho que é uma pesquisa fundamental. Eu poderia, inclusive, tendo pesquisadores estudantes interessados em estudar as forças armadas aqui no interior do Brasil, o exercito com intelectuais, nesse interior profundo que é Cuiabá, que é Mato Grosso, talvez, seria uma pesquisa histórica educacional razoável, de olhar para essa força que foi... Essa força do exercito brasileiro na interiorização do Brasil, não só... Talvez a gente olhou demasiadamente para a força das igrejas e não do exército como instituição. Não o que um ou outro militar fez na década de 1930, seja o Góis Monteiro⁷⁵, ou seja em 1964, 1968 principalmente, Castelo Branco⁷⁶. Porque daí a gente julga e julga eles com uma raiva, do ranço; tem que olhar para eles com mais cuidado, porque nós... E aí não estou defendendo eles. Porque se tivessem sido tão nefastos porque a corrupção continua no Brasil, essa é uma leitura que nos contunde, que nos machuca. Mas eu acho que teria a possibilidade de voltar a fazer pesquisa histórica e, eu não tenho participado da pesquisa de memória aqui da UFMT. Mas daí a Ana⁷⁷ está mais relacionado com a pesquisa da memória, até por conta de nós dois ampliar mais um universo. E agora nós vamos ter também um mestrado profissional aqui, e aí nós vamos ter, parece, que catorze vagas para professores que já estão atuando e, de certo modo, qualificar os professores. A gente não pode perder de vista que a gente precisa na Faculdade de Educação Física, mesmo que nós aqui tenhamos a substantividade da formação inicial, não esquecer que na formação continuada nós somos uma instituição também responsável de olhar para quem nós já formamos.

C.M. – Professor, essas pesquisas da história, mas também da área sociocultural, desde a época do seu mestrado, na Educação Física, tinham barreiras ou era bem aceitas as pesquisas socioculturais?

⁷⁵ Pedro Aurélio de Góis Monteiro.

⁷⁶ Humberto de Alencar Castelo Branco.

⁷⁷ Ana Carrilho Romero Grunennvaldt.

J.G. – Não, creio que entrar nos programas de mestrado era mais difícil... Eu tentei duas vezes entrar no programa de educação aqui, 2009 logo que eu cheguei, depois em 2011 de novo. Não sei se não julgaram ou julgaram meu pedido, meu processo. E agora que eu consegui. Por conta muitas vezes da nossa pontuação, nós nos dividimos entre a área 21 que temos que ter ponto nessa área e, temos que ter produção na área 38, das pesquisas na área da educação. E isso tem sido mais inibidor ou um obstáculo de nós entrarmos nos programas e orientar, do que necessariamente a rejeição dos nossos pares. A pesquisa ela se faz, acho que... Eu não teria, assim, de apontar as circunstâncias, eu penso que não. Também logo na época em que eu voltei do doutorado, na Federal de Sergipe, eu também não tinha necessariamente pontuação para entrar no Programa da Pós-graduação em Educação.

C.M. – Aqui no Mato Grosso, quando você chegou, tinham pesquisas, aqui na FEF⁷⁸, de pesquisas históricas?

J.G. – Não. Só o TCC⁷⁹, que eu falei, uma pesquisa histórica do Ederson sobre a configuração, o processo de criação do Dom Bosco, um clube esportivo aqui, que na verdade, era um clube social esportivo. Então, a gente... A minha provocação com ele já era de que ele devesse olhar como uma instituição esportiva educativa. Só que depois ele acho que quiz fazer Direito, ele não quis continuar fazendo. Mas ele seria o meu mestrando para fazer uma pesquisa histórica, mas não adianta eu querer fazer uma pesquisa histórica se o menino não estava afim. Mesmo modo, eu orientei uma pesquisa histórica, mas isso um TCC em Sergipe, a Sheila⁸⁰, uma aluna, uma acadêmica de Estância ela fez uma pesquisa sobre o clube de fábrica, Santa Cruz de Estância, brilhante. Esse clube, nada mais, nada menos, ficou pentacampeão sergipano de 1952 a 1957, isso é um marco histórico, ele ganhava do Bahia. Essa fábrica é do final do século XIX, fábrica de tecido em Estância. Estância teve uma decadência econômica, agora que parece que está se reerguendo. Claro, eram cidades que tiveram um *boom* econômico bastante significativo no século XIX, talvez até a década de 1930, depois até... Eu penso que com a ascensão de São Paulo, já por volta de meados do século XIX, e aí o centro de gravidade vem para o sudeste e o nordeste se fragiliza em certo sentido, e isso foi uma consequência disso, porque isso não

⁷⁸ Faculdade Educação Física.

⁷⁹ Trabalho de conclusão de curso.

são coisas cíclicas de uma década, mas são questões de mudança de mais de séculos, acho que essas questões... E mesmo na pesquisa, essa questão de mudança de paradigma que estamos vendo hoje na Educação Física, o uso das pesquisas que usam o esporte na escola, isso não é de uma hora para outra que se modifica, são mudanças mais lentas. Mas eu penso que nós teríamos condições de pesquisar, mas muitas vezes os próprios alunos... Eu acho que os alunos não se instigam com pesquisa histórica e tal. Isso, talvez, seria uma limitação, uma fragilidade minha de não instigar esses meninos de fazerem pesquisas históricas, porque eles vêm com os problemas, as questões, os temas, e eu não tenho modificado significativamente os temas de alunos para se ajustar aquilo que eu oriento. Na nossa linha de pesquisa, minha e da Ana, aqui o grupo de pesquisa, Laboratório de Estudos e Pesquisas de Esporte, Cultura e Movimento, nós temos uma linha que é marcadamente histórica e uma de orientação mais sociológica, do processo civilizador, e uma com relação as instituições educativas ou educacionais, do Justino Magalhães, que seria mais uma pesquisa histórica educacional e a outra que nós temos o pé na escola. A gente não pode se especializar tão somente em pesquisa histórica, por conta dessa rapaziada que fica... Então, por exemplo, desse semestre eu tive seis ou sete TCCs e, nesse semestre eu tive duas defesas de mestrado também, agora no final de março, abril. Então esse cuidado a gente precisa ter, se não a gente fica enclausurado e são sujeitos que querem estudar. Tem agora um aluno meu... Um menino que tem um dificuldade muito grande de concentração, acho que ele tem um certo distúrbio de atenção, e ele vai estudar a torcida organizada, Boca Suja, do Mixto⁸¹ aqui. E aí com que referencial eu posso orientar esse menino, referencial do Eric Dunning e do Norbert Elias. E aí a provocação é, com o Gabriel⁸², em que medida a Boca Suja, ela se constitui numa ferramenta de processo civilizador no âmbito da torcida em Cuiabá. E aí entendo que o processo civilizador não é um processo linear, ele tem retrocessos, e as barbaridades que se comete elas fazem parte dessa tensão dialética que é se constitui o processo civilizador. Parece que aqui em Cuiabá teve, na década de 1910, touradas, a gente teria que procurar isso com mais competência e olhar aonde está essa documentação. Não tive esse tempo também ainda de verificar isso. Talvez se eu tivesse um menino ou uma orientanda que quisesse pesquisar isso eu poderia despender um tempo maior de correr atrás disso.

⁸⁰ Sheila Cristiane Santos Matos.

⁸¹ Mixto Futebol Clube de Cuiabá.

C.M. – Lá em Sergipe, quando você chega lá se tinha alguma coisa de pesquisa histórica lá?

J.G. – Não, lá acho que não tinha pesquisa histórica. Da Educação Física?

C.M. – É.

J.G. – Eu penso que não. Porque, na verdade, acho que fomos... Foi Américo... Eu e Américo fomos da primeira turma do mestrado. E aí era a pesquisa dele era uma pesquisa histórica sobre o departamento da Federal de Sergipe, também uma possível história. E a minha, então, sobre a Escola Nacional. Nós fizemos de fato uma dobradinha de pesquisa histórica, daquilo que nós conseguimos fazer com pesquisa histórica. Mas eu acho que o terreno da Educação Física era ainda muito insipiente à pesquisa histórica.

C.M. – E você acompanhou alguma coisa da criação do Centro de Memória aqui, na UFMT?

J.G. – Daqui eu tenho acompanhado sim, mas de longe. Mas eu não tenho me envolvido diretamente com o trabalho do Evando. O Evando já tinha trabalho com isso. E o trabalho da Talita e, agora a Ana está se aproximando de certo modo também. Mas os materiais que a Talita e o Evando conseguiram recuperar... Então são essas... Se não me engano, a Vilma⁸³ conseguiu fazer uma exposição, a minha orientanda do pós-doutorado, que ela fez uma pesquisa sócio-antropológica sobre a presença do negro no futebol profissional mato-grossense, a década 1950 a década de 1970. E ela trouxe na época uma menino, o Rômulo⁸⁴, que faleceu agora, uns vinte dias atrás. Rômulo era um craque de bola aqui. Eu até conheci ele jogando. Aí a Vilma fez um painel de fotografias de clubes do Mato Grosso, jogadores, fotos em preto e branco, lindíssimo. Então, teríamos material para fazer isso. Mas eu acho que a nossa limitação é, se é que dá para dizer isso, geralmente os alunos nossos são seduzidos no primeiro, segundo, terceiro período com a... Mesmo da licenciatura, com a sedução do nosso corpo biológico. Isso tem de certo modo, roubado... Levado os nossos melhores quadros. Eu tenho me deparado com o quinto semestre...

⁸² Gabriel Almeida Magalhães.

⁸³ Vilma Aparecida Pinho.

Quando fiz uma pesquisa histórica sobre os arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desporto, estão todos aqui xerocados, com uma orientanda, a dificuldade de leitura que a gente pega esses meninos que ficam para nós, que não são escolhidos até o quinto período. Porque é no quinto período que eu me deparo com eles, a minha disciplina é ofertada no quinto período, Teoria e Prática do Ensino Médio e Estágio Supervisionado da Educação Infantil. Então, nesse sentido nós temos limitações. E eu fiquei super, super, super insatisfeito com o resultado da pesquisa do último PIBIC⁸⁵ meu, dos dois últimos. Então, nesse sentido me parece que é problemático. Agora estou fazendo novamente uma pesquisa com instituições educativas, educacionais, de novo concorri com dois projetos. E uma foi fazer com corredor de rua, vou tentar trabalhar quais são as representações desses corredores de rua, buscar nos corredores o sentido que eles atribuem, e não nós atribuindo sentido para as pesquisas ou para os sujeitos. Porque se não, não preciso fazer pesquisa, se tu não centraliza o sentido neles, porque que eles vão para esses espaços, nesse sentido. Eu acho que espaço existe, mas nós precisaríamos ter essas figuras mais seduzidas já no início, no primeiro e no segundo bimestre uma disciplina que consiga dizer “olha é bacana fazer pesquisa histórica educacional, pesquisa de história do esporte, da Educação Física”. Veja que é possível fazer pesquisa histórica, porque... Eu tive um orientando daqui, do TCC, ele não sabia o que fazer, daí a Márcia⁸⁶ provocou ele. Aí eu fiquei para orientar, eu orientei o Lucas⁸⁷. Os jogos de família de Ponte Branca, é um municípiozinho de três mil habitantes aqui, quase na divisa com Goiás, mais para o sul do Mato Grosso. É um espetáculo para cidade de três ou quatro mil habitantes, a cidade para, eles têm que trocar o horário da missa de domingo por conta dimensão que esses jogos de família assumem nessa semana de Natal e Ano Novo. Ele fez essa pesquisa, um trabalho muito bonito. Isso também poderia ser um estudo de mestrado, mas quem disse que esse jovem quer estudar, ele quer fazer concurso para INSS⁸⁸ etc., porque ser professor e ser professor da rede pública hoje tem que ter muito tesão, muita vontade, muita disposição. E nós tivemos agora uma turma que formou semana passada, que tiveram o PIBID, Programa de Iniciação a Docência no Ensino Médio. E o PIBID da Educação Física na nossa universidade está acabando, vai ter só de letramento, pedagogia. E essa turma ela é uma turma que vai sair professores

⁸⁴ Rômulo Augusto Corrêa da Costa.

⁸⁵ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

⁸⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁸⁷ Lucas Domingos Vasconcelos Silva.

⁸⁸ Instituto Nacional do Seguro Social.

interessantes. Como da turma do Hamilcar, do Sérgio, daquela turma de 1993 da Faculdade de Educação Física da UFS, saíram sete ou oito doutores, de uma turma. Eles criaram uma unidade entre eles, um pacto de não mediocridade, porque você pode criar um pacto entre os teus pares de mediocridade e muitas vezes isso acontece. E esse pacto de positividade ele pode ser criado, mas tem que ser com os pares. Você não vai colocar de fora para dentro um tesão de estudar, isso é o que o Bernard Charlot naquele famoso livro dele da relação com o saber vai falar, quer dizer, a motivação ela é externa, mas a mobilidade ela é interna, ela cabe a mim me fazer diferente. Eu acho que tem campo, mas nós precisamos estimular talvez mais esses meninos, até porque o Mato Grosso tem história nós somos... Cuiabá é de 1719, não é tão nova.

C.M. – Então, professor, tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

J.G. – Com relação a pesquisa histórica, eu acho que eu teria que me redimensionar com novas leituras, eu não tenho acompanhado nesses últimos dois, três anos os textos que tem sido produzidos nessa área. Por conta de uma aproximação maior, de novo, agora quando eu vim para esse mestrado de Educação Física e a nossa linha é uma linha de estudos sócio-antropológicos, nesse sentido. Se tivéssemos uma linha específica no mestrado de história, acho que seria possível fazer parceria com o mestrado de história e ministrar disciplinas, isso seria bastante razoável. Eu poderia até me redimensionar, voltar a estudar os textos que eu estudei no doutorado, mas obviamente a gente precisa ter um cuidado para... A gente é sempre meio que neófito nesse campo e nessa área. Mas no mais eu acho que era isso.

C.M. – Muito obrigado. Agradeço.

J.G. – Prazer conversar com você.

[FINAL DA ENTREVISTA]